

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

A Simbologia na Genealogia do Mobiliário Ocidental

Tainá Madrid Volf

Prof. Orientadora Ma. Sueli Garcia

São Paulo, setembro de 2011

Introdução

O eixo principal da pesquisa é sobre a simbologia nos interiores ocidentais, dentre os quais se encaixa Egito, Grécia e Roma. O objetivo é buscar conhecimento e repertório para o profissional em Design de Interiores.

As contribuições dessa pesquisa são para aqueles que se interessarem sobre história dos interiores e mobiliário.

A abordagem seguirá pelos principais estilos antigos que até hoje perduram, são eles: Grego, Romano, Egípcio e Neoclássico. Através do contexto, seguiremos por uma análise na busca de elementos da anatomia dos interiores. A pesquisa pretende abordar a capacidade que esses interiores e seus símbolos foram emprestados por sistemas políticos como forma de demonstrar poder através de ambientes, como por exemplo Hitler e seu empréstimo do estilo Neoclássico.

Foi necessário saber a história de grandes líderes mundiais e suas paixões pelos grandes estilos que moldaram seus ambientes e espelharam seu governo. Também é interessante a análise sobre a evolução das técnicas e da tecnologia, paralelamente a criação e o desenvolvimento da privacidade nas residências e o progresso da iluminação, além de todo processo do conforto ambiental.

O Designer de Interiores vem ganhando espaço profissional e o aprofundamento em mobiliário significa ter em mãos o conhecimento legítimo e único da matéria, tornando-nos não apenas decoradores, mas Designers de Interiores.

A escolha pelo Neoclássico se deu pelo claro ciclo de retorno do estilo em vários momentos da história. Outros ciclos estilísticos poderiam ser escolhidos como os que se opõe Neoclássico, mas tínhamos que selecionar um grupo para o recorte.

Estilos nos Interiores

Se deparar com a dúvida de que estilo seguir em uma casa não é algo incomum devido à ampla gama de opções que nos é sugerida nos dias atuais. Os estilos têm diferentes interpretações dando origem a diferentes resultados. A dificuldade, muitas vezes, pode estar em quais são os pontos em comum entre cada estilo, quais são completamente opostos e como se comportam.

O profissional da área não tem somente a simples tarefa de definir um layout, indicar lojas e finalizar o trabalho com uma seleção de objetos. Cabe a ele: seguir uma linha de raciocínio bastante definida e rica em detalhes, atender aos anseios do cliente e deixar no ambiente sinais claros que por ali passou um bom profissional.

A importância da simbologia no mobiliário evidencia o estilo ou período ao qual se trata. A exemplo do estilo Império, do período de Napoleão Bonaparte, identificamos elementos decorativos como: leões, águias, motivos de inspiração militar, rosas, cariátides com coroas egípcias, seres alados e outros animais.

“Com sua propensão para criar símbolos, o homem transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos (conferindo-lhes assim enorme importância psicológica) e lhes dá expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais” (JUNG, 1996, pg. 232).

A águia e o leão, por exemplo, podem ser vistos como símbolo da força, da grandeza e da majestade, virtudes que Napoleão necessitava demonstrar. Os seres alados eram grandes predadores e a águia foi a mais antiga e a maior ave voadora encontrada pelo homem. A rosa é o símbolo de graça, beleza, honra, nobreza e mérito reconhecido. A coroa é o símbolo da emancipação política e vitória. O escudo significa poder de defesa e ambição.

“Cada um destes símbolos teve uma significação psicológica que se manteve constante, desde as mais primitivas expressões da consciência até as mais sofisticadas formas da arte do século XX” (JUNG, 1996, pg. 232).

“O motivo animal simboliza habitualmente a natureza primitiva e instintiva do homem. Mesmo os homens civilizados não desconhecem a violência dos seus impulsos instintivos e a sua impotência ante as emoções autônomas que irrompem do inconsciente” (JUNG, 1996, pg. 237).

Como diz o livro de Jung, o homem está sempre em ligação com um animal exatamente para mostrar sua fragilidade em relação a sua incontrolável força brutal inconsciente. Sacrifícios e ritos são gerados como forma de abrandar esse poder irresistível e incontrolável. (JUNG, 1996.)

Para poder entender quais e quantos são os pontos fortes de um estilo primeiro vamos analisar o seu significado. Estilo é uma junção de características distintas que sobressai do normal recebendo assim um nome específico. Pode incluir moda, design, formato, ou aparência. Dá-se início a um novo estilo quando uma cultura já se cansou do que já se tornou doméstico e não atende mais as mudanças. Nesse caso deve haver um inconsciente coletivo favorecendo a dinâmica de um recomeço do novo estilo. Outra mudança pode acontecer quando um artista se depara com uma situação que necessita de transformação e a antecipa; a princípio se tem rejeição, mas a familiarização gera aceitações. Para exemplificar essa possibilidade, voltemos o olhar para a Europa do pós-guerra, quando a população se deparou com cidades totalmente destruídas e conscientes de que não haveria como remontá-las baseados no padrão Barroco, aceitaram a proposta de Le Corbusier fazendo as construções mais rápidas, básicas e geométricas surgindo, assim, um novo estilo, o modernismo.

A vida cotidiana ganha o nome de “estilo de vida” que é uma expressão contemporânea que se refere à estratificação da sociedade por meio de aspectos comportamentais, expressos geralmente sob a forma de padrões de consumo, rotinas, hábitos ou uma forma de vida adaptada ao cotidiano. Também é estilo de vida a forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas vivenciam o mundo e, em consequência, se comportam e fazem escolhas. Essa pesquisa irá mais de encontro com o íntimo da casa, aquilo que pertence à rotina do usuário.

A importância de se ter um estilo estabelecido é com ele demonstrar maior consciência, autoconhecimento e prazer além da expressão comunicada à quem adentrar o espaço do usuário.

Estilo Clássico e suas origens

O termo clássico surgiu derivado do adjetivo latino *classicus*, que indicava o cidadão pertencente às classes mais elevadas de Roma. No século II d.C., Aulo Gelio utilizou-o para designar o escritor que, por suas qualidades literárias, poderia ser considerado modelo em seu ofício. Durante o Renascimento, o termo *clássico* reapareceria, seja em textos latinos ou nas línguas vernáculas, referindo-se tanto a autores greco-latinos quanto a autores modernos da própria época, considerados modelos de linguagem literária.

A primeira definição de clássico, apresentada por John Summerson, é a aquela chamada de mais óbvia.

“Um edifício clássico é aquele cujos elementos decorativos derivam direta ou indiretamente do vocabulário arquitetônico do mundo antigo – o mundo clássico” (Grécia e Roma). (SUMMERSON, 2009, pg. xxx).

Esse estilo seria representado através da construção de partes proporcionais entre si o que concretizou a arte e os objetos gregos.

As casas dos gregos eram usadas principalmente para as refeições e para dormir e eram voltadas para o pátio central. As habitações populares eram insalubres e continham poucos móveis, os mais sofisticados eram usados na sala de visitas.

A mobília grega teve suas raízes no mobiliário egípcio como a cama que teve sua estrutura modificada ao gosto grego e recebeu o nome de *Kline*, sua função era valorizar o ócio como distinção social. O banco grego em geral era simples, para uso dos mais humildes e o assento mais comum da época se assemelhou a modelos egípcios, chamado *Diphros*, que quase não possuía ornamentos, era um banco com assento baixo, usado por trabalhadores com a estrutura em ‘x’. A cadeira mais característica do período era a *Klismos*, uma inovação grega.

O mobiliário grego pode ser conhecido através das cerâmicas como equipamento para refeições festivas e como recipientes de uso relacionado com o adorno pessoal e como peças de tocador:

Roma antiga se situa na península Itálica, que conserva inúmeras ruínas e monumentos especialmente da época do Império Romano. Os romanos foram um povo camponês, dedicado ao pastoreio e à agricultura e conheceram o resguardo do ócio em contato com os gergos.

As casas romanas influenciadas pelas casas gregas eram térreas, cobertas de telhas, construídas ao redor de uma área central aberta denominada *atrium*, que era circundado por todos os cômodos, cujas paredes costumavam ser decoradas com afrescos. Por esta abertura no teto, entrava a iluminação necessária, era a saída para a fumaça do fogareiro e recolhia a água da chuva que caía em uma cisterna ou reservatório, o *impluvium*. Acrescentava na casa romana um pátio com colunas e uma área central aberta de origem grega, o *domus*, com jardins e fontes, circundada por varandas. A casa era constituída muitas vezes de horta e pomar, ou seja, a casa era auto-suficiente para suas necessidades básicas.

“A continuidade cultural entre ambas as civilizações encontra-se resumida no tão empregado vocábulo ‘Greco-romano’. Roma por outro lado, não se limitou a imitar, mas sim soube unir todas as influências do Mediterrâneo (a grega, a etrusca, a egípcia e a do Oriente Próximo) para desenvolver um estilo pessoal e original, sincrético e cosmopolita.” (JASON, 2007, pg. 27)

O mobiliário da República Romana Antiga e Império foi espalhado em todos os domínios romanos desde o séc. III a.C. até o início da Idade Média. Desenhada e copiada dos gregos a mobília romana terá também acréscimos de elementos dos móveis egípcios. Apesar das influências, os romanos criaram peças com estilo característico em força e poder, sem perder a praticidade. A cama grega tem sua continuidade no Império Romano, que com o tempo sofrerá fechamento em três lados, tornando-se similar a um sofá, de nome *Lectos*. O assento no início é de inspiração grega, o *Diphros*, depois desenvolvem um assento dobrável de nome *Sella Curulis*, com ornamentação sofisticada que se tornou um símbolo de autoridade política. A cadeira grega *Klismos*, também terá continuidade em Roma, com suas formas e proporções alteradas para uma versão mais pesada.

As mesas romanas foram derivadas das gregas, mas os romanos incluíram novas formas. As pequenas mesas redondas com três pés características da Grécia continuaram sendo utilizadas ao longo do Império Romano, porém agora feitas de cobre ou bronze e com tampos redondos. Mais tarde aparece uma mesa maior, a mesa de jantar, a *Mensa Lunata*. Os Romanos introduziram o uso de mesas auxiliares no jantar, o aparador, com uma coluna trabalhada em madeira ou mármore que servia de pé central para um tampo ricamente esculpido nas bordas. O armário para louças foi usado pelos romanos a partir do período helenístico apesar dos objetos permanecerem armazenados em caixas, com pés baixos, decorados com bronze. A mobília romana era a mais desenvolvida e sofisticada da Europa

antiga, em termos de complexidade de ornamentação e alcance de formas, fez grandes contribuições para a história da mobília nos séculos seguintes.

O estilo clássico é retomado no antropocentrismo da Renascença. Na Itália seu mobiliário tem sua base a partir da mobília medieval, que é constituída de estrutura ainda muito pesada e maciça. Há um desenvolvimento na superfície das peças, com trabalhos de entalhes cada vez mais elaborados e uso de marchetaria, em temas clássicos e cenas em perspectiva. Algumas peças são esculpidas de pormenores arquiteturais e os ornamentos incorporavam criaturas mitológicas, querubins e a voluta de acanto.

No início do séc. XVI, as cadeiras começam a aparecer em maior quantidade tornando-se um assento comum. A princípio eram feitas como uma caixa, mas na segunda metade do século tinham perdido os painéis de caixa por debaixo dos braços e dos assentos e eram conhecidas por cadeiras de juntas. Era costume usar almofadas cheias de lã ou palha para tornar mais confortáveis as cadeiras de carvalho. Uma cadeira em especial marcou o período renascentista, a *Savonarola*, que trás registros desde o banco *Diphros*, do Egito antigo, que influenciou a Roma Antiga na produção do *Kurul*, assento dos Imperadores. Um móvel de maior elaboração e prestígio do renascimento italiano foi o *Cassone*, um baú ricamente decorado que tinha a simbologia do dote no casamento.

Sgabelli é o nome dado a um pequeno assento com estrutura de madeira maciça, rico de ornamentos como entalhes. Estavam sempre juntas com a mesa que também tinha sua estrutura pequena, como um tamborete. O assento era entalhado em forma geométrica, com folhagens ou figuras humanas ou de animais.

Outra peça tipicamente espanhola foi o *vargueño*, que tinha a função de guardar as roupas. Antes da criação do 'guarda-roupa', nos quartos havia várias arcas no chão encostadas nas paredes. O contador, criado inicialmente na França do século XVI, foi um móvel que possuía duas portas que escondia por detrás várias gavetas e prateleiras com o intuito de guardar pequenos objetos e documentos importantes. Foi descrito na época como "uma pequena peça de mobiliário, mais ou menos portátil, mas sempre de forma quadrada e contendo muitas gavetinhas ordenadas".

A primeira peça destinada unicamente para escrever era uma caixa com algumas divisões que sobre ela ficava um tampo inclinado que podia ser aberto para guardar o material necessário.

“A partir do reinado de Henrique II, aparecem incrustações de madeira e de mármore, ao passo que a escultura conquista importância na Borgonha e na região de Lyon. Vinda da Itália, a papelaria, com seus dois corpos e sua ordenação arquitetural de colunas, de consolos e de frontões, recebe uma ornamentação de pouco relevo na Île-de-France e incrustações de mármore policromos.” (DUCHER, 2001, pg. 94)

Na Inglaterra durante a época Tudor, o senhor e sua família começaram a comer em uma sala separada em vez de usar o salão que antes possuía múltiplas funções no período medieval. Inicia-se a partir daí a “mesa fixa”.

A cama de quatro colunas, ou de dossel, era geralmente feita de carvalho e, embora o estilo se mantivesse popular, encontramos ainda muitos exemplares posteriores de mogno. As cabeceiras e as colunas de madeira dos pés eram quase sempre ricamente talhadas, visto que ficavam bem à vista, enquanto as colunas da cabeceira ficavam escondidas pelos cortinados e, portanto tinham um acabamento mais simples. Os biombos tinham uma função importante assim como a cobertura da cama ou dossel, que eram para proteção das correntes de ar e do calor, além de manter a privacidade. Os dosséis que eram utilizados principalmente durante o inverno, chegam a possuir um teto totalmente fechado, chamado de baldaquino.

“Constituída de início de um simples tampo solto colocado sobre cavaletes, a mesa torna-se pouco a pouco um móvel construído com tampo fixado sobre suportes extremos, muitas vezes reunidos por uma travessa em arcatura ou com motivos vazados.” (DUCHER, 2001, pg. 94)

A França, devido às suas relações políticas com a Itália, é o primeiro país a introduzir no seu mobiliário o espírito renascentista. Durante o século XV, a estrutura do móvel francês ainda é similar ao medieval, mas a ornamentação é renascentista. Somente no século XVI que o renascimento na França alcança um caráter nacional com o estilo conhecido como Luís XIII, que apresenta um mobiliário de grandes proporções e ricamente torneado e entalhado além de aumentar a variedade de peças para diversas funções.

Os assentos Luís XIII são caracterizados pelos ângulos retos e pelo apoio sobre pernas torneadas geralmente em forma de rosário ou de balaústre. As cadeiras são grandes na proporção e geralmente possuem braços de travas nas

pernas, que acabam cumprindo a função de apoio à estrutura, considerando as proporções e leve inclinação do encosto alto.

“Inicialmente pesados e volumosos no começo do século por permanecerem fiéis às formas da Idade Média, os assentos resumem-se aos bancos e às cátedras, às vezes sobre estrado, com espaldar alto e já esculpido de motivos italianizantes. Depois a estrutura torna-se mais leve: a cátedra se metamorfoseia em cadeira de braços, muitas vezes semicirculares, ou em cadeira sem braço. (DUCHER, 2001, pg. 94)

Na Espanha o renascimento ficou conhecido pelo exotismo árabe e chamado de estilo *Mudejar* e em Portugal como indoportuguês, consequência da estreita relação dos portugueses com as Índias Orientais.

As referências clássicas seriam retomadas no século XVIII, denominando o estilo Neoclassicismo que teve larga influência em toda a arte e cultura do ocidente. Surgiu como reação à artificialidade do rococó e impôs como prática a simplicidade nas linhas, formas, cores e temas, bem como o aprofundamento de idéias e sentimentos. Inspirou-se nos ideais do Iluminismo e nas formas primitivas da arte clássica como puro contorno linear e a abolição do claro-escuro. Para os escultores neoclássicos, a essência da pureza residia no mármore branco da escultura grega. Predominava maior simplicidade, sobriedade e rigidez. Dominavam as linhas perpendiculares, ângulos retos e superfícies planas.

“Entre cerca de 1750 e 1800, a Europa tinha atingido o limite das possibilidades do barroco e do rococó. Para sair desse beco, ela volta uma vez mais às fontes, à civilização mãe: a antiguidade greco-romana.” (UPJOHN, 1997, pg. 172)

A característica mais presente no mobiliário Luis XVI é sua estrutura. A linha reta e a leveza são pontos fortes no Neoclássico. As pernas nos móveis são cilíndricas, quadradas ou hexagonais, sempre mais delgadas na parte inferior e eram entalhadas com estrias que desciam reto ou circular. Os ornamentos como os de bronze reduzem e as cores predominantes passam a ser o branco, o cinza, o bege e principalmente o azul.

A esposa de Luis XVI, Maria Antonieta, remodelou os vestidos da época, tornando-os mais simples, assim as cadeiras puderam ter seus braços mais folgados e não precisavam ser mais enormes.

Entre o reinado de Luis XV até o de Luis XVI, houve alguns móveis que estavam encaixados no período da transição entre o Rococó e o Barroco. Eles tinham suas formas sinuosas, mas com linhas retas, porém conservava em geral as pernas em cabriole e a ornamentação do Rococó.

As cadeiras em especial, tinham uma característica marcante. As pernas são ligadas ao assento através de um cubo decorado e os braços se encontram na vertical da perna dianteira. O assento é quadrado e levemente arredondado na frente ou totalmente redondo, com o acabamento estofado. O encosto, também estofado, apresentava diferentes formas: quadrado, circular, oval, medalhão ou outros. Os ornamentos tinham forma de lira, arcos ou cestos. Nas casas mais simples as cadeiras eram pintadas de cinza e revestidas com linho. Uma das novas tipologias é a *Bergère*, uma espécie de sofá com apoios laterais para apoiar a cabeça.

“Os pés são retos, com freqüência canelados; unem-se à cinta por um pequeno cubo com roseta. As duas principais formas de poltronas são as ‘de medalhão’, cujo espaldar é um medalhão e a ‘de chapéu’, cujo espaldar ligeiramente arqueado junta-se aos dois montantes por duas curvaturas; esses montantes são encimados por um penacho ou uma pinha.” (DUCHER, 2001, pg. 162)

As pequenas mesas apresentavam tampo de mármore ou porcelana e eram quadradas, circulares ou ovais. As mesas grandes, como as das salas de jantar, inovaram com duas abas em formato de meia lua para, quando desejado, aumentar seu tamanho. A secretária e a escrivaninha de tampo cilíndrico pertencentes a Luis XV continuaram no Neoclássico. A cômoda era quase sempre apoiada por quatro pernas bastante curtas. A forma mais usada era a retangular ou meia lua. Tanto as cômodas quanto as secretárias eram ricamente entalhadas com guirlandas, medalhões e referências gregas. O *chiffonnier* era muito semelhante à cômoda. Seu corpo era alongado e possuía oito gavetas pequenas. Os armários e os aparadores mudaram apenas sua ornamentação em relação aos do Luis XV.

“Com o intuito de evitar uma rigidez muito grande de linhas, a maior parte dos móveis tem cantos facetados; estes, na maioria das vezes, são ornados de bronze cinzelados.” (DUCHER, 2001, pg. 162)

Da junção do Greco-romano com alguns elementos ecléticos surgiu o estilo Império que se insere dentro do espírito Neoclássico. Ele atingiu a arquitetura, a decoração e o mobiliário da época. Napoleão, o imperador, colocará o seu gosto pela grandiosidade e imponência em comunhão com elementos decorativos de inspiração no universo militar e motivos revivalistas da Antiguidade Clássica e Antigo Egito.

Quanto aos elementos decorativos surgem com força os motivos de inspiração egípcia como capitéis lotiformes, cariátides com coroas egípcias, troféus,

armaduras, cisnes, rosas, águias, abelhas, a letra N (por parte de Napoleão), seres alados e elementos arquitetônicos como colunas e balaústres.

As cadeiras têm encosto retangular, as pernas da frente se prolongam até aos braços e podem ter várias formas (patas de leão, animais fantásticos), as pernas traseiras são em curva para fora (cornucópia). Os estofos são em damasco, tapeçaria, brocado ou veludo. As pernas podiam ser em “x”, à semelhança do Diphros grego. Utilizavam em conjunto a madeira com metal dourado. A cama do dia acrescentou coxins e houve a criação da Gôndola (cama do dia com laterais de um barco egípcio, sempre encostada na parede). Os ambientes eram poluídos fazendo referencia ao Greco-romano, eram chamados grotescos (uso de muitos elementos juntos, dramaticidade).

“Os pés traseiros das poltronas são arqueados; os dianteiros são retos; repousam em altos piões. Como braço, às vezes cisnes, quimeras. Muitas vezes os pés sobem de baixo até o braço, em vez de se deterem na cinta. Os espaldares enrolados para trás são mais raros do que os espaldares retos.” (DUCHER, 2001, pg. 176.)

Sobre o uso do Estilo e seus símbolos, após remontar uma topografia do Neoclássico, faremos um estudo de caso relacionando o Egito e o Art Déco.

O Egito era uma terra que, graças ao Rio Nilo, produzia com fartura alimentos de boa qualidade. O Rio, com 6.700 quilômetros de extensão, tinha seus períodos de cheia e de seca. Ao longo do tempo os egípcios aprenderam a lidar com esse fator e transformaram isso a seu favor.

O mobiliário que ficou mais conhecido foi o do período dinástico, compreendido entre 3000 e 1000 a.C. O Novo Império foi governado pelo Tutankhamon. As mobílias são mais escassas e bem menos sofisticadas. Como todo o mundo antigo, as mobílias eram usufruídas somente pelos mais abastados e até mesmo nos palácios eram pequenas e poucas.

As casas dos trabalhadores eram simples e as camas e assentos feitos de argila e cobertos de palha de junco ou rolos de linho. Já as habitações mais sofisticadas eram feitas de grossas paredes de argila cozida e se estendiam por um longo e belo jardim no centro da casa.

No Novo Império a decoração passou a ser mais sofisticada. Os ‘ornamentos’ eram de forma geométrica, animais e florais, usados principalmente nas arcas. O gesso é utilizado como suporte para a folha de ouro nos mobiliários e como fundo para as pinturas nas paredes. No Médio Império apareceu o banco com as pernas

em 'x' e suas extremidades com o formato de uma cabeça de pato. Esse assento caminhará por toda a história do mobiliário, influenciando as futuras civilizações.

“O Egito é um dos mais antigos núcleos de arquitetura. Predominam as linhas horizontais e os telhados são sempre em terraço. Vigor e estabilidade são as características principais dessa arquitetura monumental.” (DUCHER, 2001, pg. 16)

Essa geometrização dos ambientes e do mobiliário foi um ponto crucial na característica do moderno estilo Art Déco. Criado em 1925 foi um movimento que não afetou só a arquitetura ou os interiores, mas também a moda, o cinema, as artes visuais e o desenho industrial. Esse estilo se baseou fortemente no construtivismo, no Cubismo, Modernismo e Bauhaus. Embora alguns estilos tivessem suas bases fundadas na política ou na filosofia, ao Art Déco era simplesmente decorativo. Em seu auge, foi visto com algo ultra-moderno.

“... o despojamento das superfícies será acompanhado da predileção pelo ângulo reto, pela cores primárias e pelas formas elementares, círculo, retângulo, triângulo, de acordo com as pesquisas pictóricas do neoplasticismo e do construtivismo.” (DUCHER, 2001, pg. 210)

Esculturas, jóias, edifícios e objetos de decoração foram geometrizados. Mesmo quando feitos de forma simples, como concreto armado e compensado de madeira, não perderam o requinte, trabalhando com ornamentos de bronze, mármore, prata ou marfim. Foi o oposto do Art Nouveau, com formas retas e geométricas.

O estilo deve seu nome a '*Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*', ou seja, Exposição Internacional de artes decorativas e industriais modernas. Lá foram apresentadas diversas formas de arte como quadros, esculturas e nus femininos. Algumas peças remeteram às civilizações antigas, como, por exemplo, o Egito. Outra forma que o Art Déco emprestou do antigo estilo Egípcio foi a idéia dos volumes arquitetônicos serem escalonados, ou seja, iguais aos Zigurates egípcios (uma espécie de templo construído em forma de uma pirâmide cujo cada andar era menor que o outro abaixo).

Dois tipos se diferem no Art Déco: o estilo usado em Miami e nos Estados Unidos. Um, usado em Miami, é mais puro e com pouca ornamentação. Já o dos Estados Unidos utiliza concreto armado, esculturas em forma de animais e a geometrização da forma.

A conclusão que podemos chegar observando esses empréstimos ao longo da história do mobiliário é que muito das tecnologias, design e formas já foram

utilizadas. A idéia de reutilizá-las não foi uma forma de simplesmente querer retomar o passado, mas sim a certeza de que aquilo já havia dado certo. Nada melhor para afirmarmos que um assento será um sucesso no mundo moderno do que copiarmos um croqui já existente e que, além de tudo, estava ligado a uma cultura que tornou-se um ícone histórico e significativo. Nenhum dos estilos que foi lembrado era um empréstimo de um império sem importância ou de algo que remetia a pobreza da época. Citemos alguns exemplos. O Neoclássico remeteu às formas geométricas da Antiguidade Clássica, como, por exemplo, os frontões, as colunas e a grandiosidade das construções. O estilo Império que reinou durante o governo de Napoleão, emprestou fortemente as características do Egito, motivo pelo qual se descobria na época o túmulo de Tutankhamon. E como já citamos o Art Déco também teve algumas de suas características já provadas.

Muitos estilos, mesmo passando despercebido, tiveram escolhas baseados em algo já vivenciado. Isso é presente não só em arquitetura e decoração, mas em qualquer aspecto vivido pelo homem.

Antoine Lavoisier já dissera uma frase que cabe perfeitamente nesse estudo: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.” Por esse e outros motivos é de grande importância estudar nosso passado em uma cosmovisão, principalmente no repertório para Design de Interiores.

Bibliografia

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. 6ª edição. Nova Fronteira, 1996.

SUMMERSON, John. **Linguagem clássica da arquitetura**. 5ª edição. WMF, 2009.

JASON, W. H. **Nova História da arte de Jason - Tradição Ocidental**. 7ª edição. Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

UCHER, Robert. **Características dos estilos**. 2ª edição. Martins Fontes, 2001.

UPJOHN, Everard M. **História Mundial da Artes 4**. Bertrand, 1991.